

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(ABR-JUN)
2017
PP. 191-206.

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ

Marcos Vinicius de Freitas Reis
Professor Doutor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
marcosvinicius5@yahoo.com.br

Anderson Igor Leal Costa
Graduado da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
igorrr@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar atos de intolerância sobre alguns pagãos que residem na cidade de Macapá, Amapá. A metodologia utilizada consiste na revisão bibliográfica, análise documental e entrevista semiestruturada. As entrevistas e algumas reflexões sobre o tema são fontes do trabalho de conclusão de curso realizado durante dois anos (2015 e 2016) de pesquisa de um grupo neopagão chamado AmaPagão, cujos membros presenciaram durante este período atos de intolerância religiosa psicológica, física e institucional.

Palavras-chave: intolerância psicológica; paganismo; AmaPagão.

ABSTRACT

This work aims to show acts of intolerance about some pagans residing in the city of Macapá, Amapá. The methodology used consists of bibliographic review, documentary analysis and semi-structured interview. The interviews and some reflections on the subject are sources of the work of conclusion of course carried out during two years (2015 and 2016) of research of a Neopagan group called AmaPagão, whose members witnessed during this period acts of religious, psychological, physical and institutional intolerance.

Keywords: psychological intolerance; paganism; Amapagão

Introdução

O Paganismo é uma religiosidade que está crescendo no Brasil. Não há dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que mostrem o crescimento deste segmento, porém, o aumento de grupos pagãos no espaço público e de pesquisas sobre eles na academia científica mostra a relevância de discutir esta temática, principalmente no que se refere a atitudes de intolerância sofridas por eles. Esse tema é pouco estudado no campo científico, comparado a outras religiões como, por exemplo, as afro-brasileiras. A maioria dos artigos que foram escritos sobre intolerância refere-se a estas religiões. Este estudo é um avanço significativo, pois corrobora para profundas reflexões sobre o tema, ao discutir atos de intolerância que foram praticados contra pagãos, na capital do estado do Amapá, Macapá; e desse modo contribuir para o aumento de pesquisas e produções científicas sobre o tema “paganismo”.

A pesquisa se concentra nos resultados das entrevistas e da observação participante do trabalho de conclusão de curso realizado em 2016, intitulado: “O paganismo contemporâneo em Terras Tucujus: um estudo de caso sobre a identidade dos participantes do AmaPagão”. Nas entrevistas foram feitas diversas perguntas aos interlocutores e foram observadas diversas ações, porém, serão analisadas somente as conversas e contextos que discutem o tema da intolerância. Foram entrevistadas oito (8) pessoas de diferentes idades, orientação sexual, condição financeira e períodos de inserção no mundo pagão.

Este artigo está organizado em três partes: a primeira tratará resumidamente sobre o conceito de “Paganismo Tucuju”, uma reflexão fruto de observações sobre os frequentadores do AmaPagão, a fim de apresentar ao leitor o local e as pessoas que serão o foco da discussão. A segunda mostrará como o paganismo foi tratado durante a história pela instituição hegemônica Igreja Católica Apostólica Romana, e os efeitos que isso causou sobre os pagãos, como por exemplo,

o estigma, o estereótipo, o preconceito, a discriminação e a intolerância. Por fim, a terceira parte apresentará o relato de algumas vivências etnográficas que mostram experiências de intolerância e serão analisados alguns diálogos de interlocutores que sofreram intolerância religiosa.

Notas de um possível Paganismo Tucuju

Para falar sobre o paganismo tucuju, na pesquisa realizada em Macapá, será feita uma tímida discussão dos diálogos feito no citado TCC. Todos os entrevistados não vieram de um lar pagão, pois nasceram em diferentes famílias religiosas, protestantes, católicas e espíritas. Transitaram, e alguns ainda permanecem circulando, por diferentes espaços religiosos como a umbanda, candomblé, igreja messiânica, budismo e até igrejas cristãs, protestantes e católicas, para acompanhar suas famílias. Eles relatam que ocorreu um período em suas vidas que a literatura acadêmica chama de crise de identidadeⁱ.

Essa crise de identidade, segundo Dubar (2006), está no seio da identidade pessoal. As crises tornam-se identitárias “porque perturbam a imagem de si, a estima de si, a própria definição que a pessoa dava de si a si própria”. Esta crise rompe com a forma fixa que formava a identidade, a estatutária, e passa para um novo modelo. Conforme Hervieu-Lérger (2008), a quebra da identidade herdada ocorre com uma “crise de transmissão”, isto é, os filhos da nova geração não se interessam em aprender ou praticar a identidade religiosa de seus pais, e estes não criam muita expectativa em ensinar a cultura religiosa para seus descendentes. Hall (2005) acredita em uma “crise de identidades”, que constitui um processo de deslocamento ou descentração do sujeito, tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo.

Segundo Dubar (2006, p. 143), “toda a mudança é geradora de pequenas crises: é necessário um trabalho sobre si, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender outra vez, às vezes recomeçar do zero”. Mas esta identidade que está sendo

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

formada, em regra, cria-se a partir de “formas identitárias inicialmente definidas”, e este autor evidencia que “Existem vários tipos de identidade pessoal, várias maneiras de construir identificações de si próprio e dos outros, vários modos de construção da subjetividade, ao mesmo tempo social e psíquica” (DUBAR, 2006, p. 149).

A identidade pagã é construída, inventada por meio das relações de poder e a partir de uma ruptura de vínculo com a identidade herdada, neste caso a religiosa, predominantemente cristã. O pagão precisa romper de forma drástica ou flexível com suas antigas visões e valores e precisa assumir uma nova postura de viver o mundo. Este novo modo de viver, de entender a vida, de criar novas redes de contatos, pode-se chamar de Identidade reflexivaⁱⁱ. Ele a constrói dialogando e vivenciando experiências com outros pagãos. Apesar de existir a possibilidade de o pagão ser influenciado pela religião familiar, em regra, cristã, cabe a ele a decisão de distanciar-se disso ou não. Entretanto, se tiver uma “consciência reflexiva”, ele se distancia com mais facilidade e pode criar uma vida

singular e subjetiva. Depois de certo período de crises, conflitos, contradições existenciais; depois de leituras, diálogos, pesquisas, visitas a rituais, o indivíduo tem uma “tomada de consciência” (identidade reflexiva) sobre a identidade pagã em construção.

Outro ponto fundamental para entender o paganismo tucuju é reconhecer que a identidade local é construída a partir das identidades globais. Aquela não é eliminada e nem substituída, pois ocorre um processo de bricolagem. O pagão em Macapá, cultua “deuses estrangeiros, importados” de outras culturas, porém, adiciona ao seu inventário tradições, lendas, folclore, entidades, mitos e deuses locais.

Para entender o paganismo tucuju, teve-se como referência o paganismo que possui uma identidade local e acontece no Brasil, chamado de “paganismo piaga”ⁱⁱⁱ, localizado na Vila Pagã, uma área encravada na zona rural do município de José de Freitas, interior do estado do Piauí. Existe ali o culto de divindades locais em harmonia com divindades “estrangeiras”. A partir disto, coloca-se esse

paganismo piaga como referência para reflexão do problema levantado neste trabalho e pergunta-se se existe um possível, “paganismo tucuju”^{iv}. A diferença inicial é que os “piagas”, no Piauí, declaram-se parte deste tipo de paganismo. No entanto, os participantes do AmaPagão, não se identificam como tal. Esta expressão “paganismo” está sendo utilizada aqui para uma possível interpretação dessa identidade pagã, a qual está sendo formada e transformada nas terras amazonas.

O paganismo tucuju não se define pelo local onde este indivíduo está adorando as divindades, mas se estabelece a partir da maneira ou da forma como o indivíduo se relaciona e interage com a divindade, com o sagrado^v, isto é, por meio da liberdade individual, ele (a) decide qual o caminho que será construído na sua identidade religiosa. O “paganismo tucuju”, é, portanto, uma forma particular de cultuar a divindade, os seus ancestrais (familiares e pessoas que foram importantes em sua vida e não estão vivos) e a natureza (a floresta amazônica), abrindo mão de uma identidade religiosa herdada, e criando uma identidade pessoal, reflexiva e narrativa.

Esta nova identidade consiste em ocupar espaços públicos por meio de encontros e eventos abertos à comunidade ou cada um seguir solitariamente seu modo de vida pagão. Nessa condição, ele não precisa estar engajado em questões políticas ou preocupar-se em cultuar “deuses da terra”, e nem dar justificativa para grupo X ou Y. Apesar de não haver uma reverência total aos “deuses tucujus”, os participantes do AmaPagão que se declaram pagãos, antes de realizarem seus rituais, pedem permissão, dão as boas-vindas às entidades locais, e dão até oferendas para elas. Há um respeito pelas divindades da região onde o pagão está localizado, e ele procura saber, inclusive, um pouco da mitologia, da ancestralidade, isto é, das pessoas importantes que deixaram rastros de benevolência, amor e dignidade da respectiva cidade.

Assumir uma identidade pagã, significa aderir a uma identidade religiosa; consequentemente, os que assumem podem sofrer possíveis atos de intolerância religiosa em níveis físico, psicológico e institucional, o que será visto a seguir.

A Intolerância institucional sobre o paganismo

Paganismo, segundo, Higginbotham (2003), vem da palavra “*Paganus*”, termo latino que significa “habitantes do campo”. De acordo com ele, o termo pode ter sido algo “pejorativo criado por habitantes da cidade para descrever aqueles caipiras dali”; e foi se tornando um termo negativo e mais tarde serviu como insulto. Conforme Holzer (1972), pagão ficou tendo o significado de “o primo da província”^{vi}. O autor diz ainda que, o termo “*paganus*” era utilizado na Roma Antiga para distinguir as pessoas das cidades em relação às do campo.

Antes do surgimento e consolidação da Igreja Católica Apostólica Romana, o paganismo dominava o campo religioso, os pagãos eram a ordem estabelecida; gregos e romanos eram politeístas. No período da Idade Média, com a chegada do catolicismo, o termo pagão passou a ter uma outra conotação. A Igreja tornou-se religião urbana e as pessoas

mais sofisticadas e mais civilizadas, aderiram à nova fé. Aqueles que moravam nos arredores da cidade, no campo, principalmente, em sua maioria, não aceitaram a recente religião hegemônica.

Hans Holzer afirma que houve um período em que pagãos e cristãos conviveram pacificamente, porém, quando “as condições políticas tornaram imperativo para a Igreja suprimir a oposição, o termo pagão adquiriu um sentido perigoso. Você ou era um cristão ou era um pagão, não podia ser ambos.” (HOLZER, 1972, p. 07). Essa relação entre paganismo e cristianismo tornou-se litigiosa no contexto do século IV, quando a Igreja paulatinamente atingia a sua unidade e expandia a sua influência junto ao Império Romano (LOSEKANN, 2012). O período das Cruzadas, na Europa, foi marcado por fortes perseguições aos pagãos. Segundo Holzer (1972, p. 07), “deuses pagãos eram diabos, ou demônios, e seus adoradores o carregavam no corpo. Gradualmente, aquele que não aceitava, simplesmente, o cristianismo, era considerado pagão”.

Segundo Higginbothan (2003), “o paganismo é uma religião centrada na Terra” e pagãos reúnem-se em igrejas, casas ou ao ar livre, em grupos ou chamados círculos, convenções ou clareiras. Apesar de o paganismo querer fugir da institucionalização, atualmente, muitos grupos pagãos estão se institucionalizando (CORDOVIL; CASTRO, 2014). Então pode-se falar em uma intolerância religiosa em nível institucional, e inferir que durante um longo período da história, o paganismo vem sofrendo essa intolerância. A história relata perseguições, mortes, preconceitos, discriminações sobre as pessoas que trabalhavam com magia, ervas e agiam e pensavam de forma diferente da religião hegemônica, o cristianismo, sendo chamadas de bruxas, magos, feiticeiras, de maneira pejorativa e sofrendo intolerância religiosa física e psicológica. As perseguições religiosas sobre os pagãos simbolizavam a restrição da liberdade religiosa, de crença e de culto; violação dos direitos humanos e um desrespeito à diversidade e igualdade entre os homens.

A não tolerância continuou sobre os pagãos mesmo com os diferentes contextos sociais, políticos e culturais. A opressão e o estigma, no que se refere à prática pagã, continuou, mas com outra configuração no período da contracultura, anos 1960 e 1970. Segundo Guerreiro e Lopes (2010), Cordovil e Castro (2014) e Oliveira (2009), durante esta época, o paganismo reinventou-se e surgiu o neopaganismo em diferentes partes do mundo. A medida que estes grupos estavam surgindo e tentando conquistar a sua liberdade religiosa, novas formas de intolerância religiosa apareceram.

As terras brasileiras foram palco de um paganismo

Ainda há uma discussão muito grande sobre o conceito de paganismo e neopaganismo, autores como Oliveira (2009), Higginbothan (2003) tentam conceituar o termo, além de elencar as suas respectivas características. Durante as entrevistas e observações do universo pagão durante os anos

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

de 2015 e 2016, observou-se que vários segmentos religiosos podem entrar no conceito de paganismo, como por exemplo, as religiões indígenas e afrodescendentes, pois, o politeísmo, o culto à natureza, o animismo, o respeito e a reverência à ancestralidade são pontos em comum. Todos os interlocutores responderam que os índios e pessoas que cultuam as religiões afrodescendentes podem ser considerados pagãos. Se esta proposição é verdadeira, então antes da chegada dos portugueses no Brasil, no período da colonização, a terra que hoje habitamos, chamada Brasil, era predominantemente pagã.

Assim como a Igreja católica desde o momento em que se tornou religião oficial em Roma perseguiu e demonizou (condenou) os pagãos, quando chegou ao Brasil no período da colonização e fez aliança com o Estado, perseguiu e condenou simbolicamente (espiritualmente), legalmente e moralmente aqueles que não seguiam o Deus único do Cristianismo. Este trabalho não tem o objetivo de mostrar os diferentes períodos históricos em que o Estado e Igreja católica estiveram fortemente vinculados e hostilizaram as demais religiões

(minoritárias) com exclusão e discriminação, mas pode-se lembrar que nos períodos colonial e imperial houve várias perseguições religiosas sobre as religiões não hegemônicas (podendo-se incluir aqui o paganismo). Mesmo com a separação da Igreja do Estado, no período Republicano, ainda houve e ainda há demonstrações de intolerâncias religiosas.

Notas de intolerância sobre os pagãos em Macapá, Amapá

Na entrevista que os representantes do AmaPagão deram na rádio da Universidade Federal do Amapá, em Macapá dia 30 de abril de 2016, falaram sobre intolerância religiosa. Segundo eles, logo no início dos encontros, um grupo de evangélicos viram na internet o dia, hora e local e se reuniram para ir até a reunião e lá começaram a pregar a palavra de Deus e a tentar fazer gestos de exorcismo e declarações verbais intolerantes.

Em 2015, alguém postou na página do AmaPagão: “Vocês são porcos imundos, se eu pegar algum de vocês na

rua eu vou jogar gasolina e tocar fogo”. Presenciou-se esta postagem no *site* Facebook e muitos pagãos frequentadores ficaram apreensivos e outros com medos de andar pela rua onde se realizavam os encontros do AmaPagão. Eles tiveram que recorrer à ABRAWICCA (Associação Brasileira de Wicca do Brasil) afim de buscar apoio mágico e administrativo. Então a associação entrou com um processo contra esta pessoa na secretaria dos Direitos Humanos em Brasília e foram tomadas as devidas providências.

Nos momentos de observação no trabalho de campo em um encontro pagão atrás da Fortaleza de São José de Macapá, presenciaram-se momentos de intolerância psicológica, como por exemplo, quando uma pessoa se aproximou do círculo de pessoas e mostrou uma literatura bíblica de evangelismo. Na hora da entrega, parecia que ela queria impor aquela mensagem, obrigando todos a ouvirem ou a lerem aquilo. Entretanto, um dos frequentadores do grupo disse que não aceitava aquela literatura e pediu para ela se retirar. Outra situação, em determinado encontro um grupo de evangélicos

se reunia próximo do grupo pagão e começaram a cantar e falar bem alto algumas palavras (pareciam “indiretas”), como se algumas delas (mensagens de intolerância) fossem direcionadas para o grupo pagão. Presenciou-se em outras reuniões em que havia um ritual público, olhares que passavam uma mensagem de rejeição a uma determinada atividade do grupo, uma mãe que pegou a sua filha e a levou para outra parte da Praça a fim de evitar que esta não passe próximo da atividade, ou risos irônicos e debochantes sobre algum exercício religioso praticado pelos pagãos em locais públicos. Infere-se que não há apenas uma questão jurídica, ou seja, de conceder liberdade religiosa, de culto e de crença a grupos religiosos minoritários no campo religioso brasileiro. Apesar de ser um avanço de suma relevância no âmbito do respeito à diversidade, deve-se primar pela transmissão da alteridade por meio da educação, do ensino da tolerância religiosa nas escolas e em diversos órgãos públicos e instituições privadas. O Estado pode aceitar diferentes formas

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

de manifestação religiosa em seu território sem tendenciar a nenhuma delas, porém isto não é o suficiente.

A maioria dos entrevistados sofreu atos de intolerância religiosa direta e indiretamente, seja no colégio, de vizinhos, nos locais de trabalho e até na família. Mas obteve-se outro resultado interessante, a partir das entrevistas de alguns interlocutores.

Em uma das entrevistas uma interlocutora afirmou:

[...] só que quando eu assumi que era pagã, eu quebrei muitos paradigmas, porque eles geralmente são muito intolerantes. Na minha concepção, eles têm uma mente tão limitada... Eu acabei quebrando isso, eu conheci um testemunha de jeová, que ele mudou minha concepção disso. Em vez de ele me convencer sobre aquilo que ele sabia, ele pediu pra conhecer a minha religião, pediu pra explicar pra ele, porque ele não conhecia. Quando eu expliquei, ele falou “poxa que legal, eu gostei”; ele não me julgou porque eu era diferente. Então a partir daí eu passei a ver que é errado generalizar em qualquer situação, porque sempre tem as exceções e essas exceções sempre fazem a diferença; não se pode julgar o todo pela maioria, e muitos bruxos ainda têm esse preconceito contra cristão.

Para um pagão considerar que sofreu ou não uma intolerância religiosa, ele precisa assumir uma identidade pagã, necessita ter um sentimento de pertencimento com o mundo pagão. A entrevistada assumiu esta identidade publicamente e se considerou parte de uma cultura específica. Observa-se que não só na mente desta pagã, mas de outros, existe também uma intolerância religiosa por parte dos pagãos com relação aos cristãos. A sentença: todo cristão é intolerante, parece ser verdadeira. Porém, como já foi exposto no diálogo acima, nem todo cristão, melhor dizendo, nem todo indivíduo que faz parte de um segmento religioso é intolerante. Há a seguinte suposição no imaginário de alguns pagãos: que os praticantes das religiões monoteístas têm mais probabilidade de serem intolerantes, porque, para os judeus, islâmicos e cristãos, quem não aceita o que está escrito no livro pela fé, não é digno de fazer parte da comunidade religiosa, logo, são excluídos das bênçãos do grande deus^{vii}. Porém não há como dizer que esta proposição é plenamente verdadeira, pois existem “as exceções das exceções”, e não se pode generalizar, “julgar o

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

todo pela maioria”. Pode-se dizer, em relação aos pagãos, que existem indivíduos emissores do sentimento de intolerância religiosa sobre cristãos e até outras religiões. Não se pode descartar esta hipótese, pois esta ideia ficou presente nas falas de alguns entrevistados.

Um outro entrevistado, chamado “Cláudio”, afirma:

Diferente de algumas vertentes cristãs, nós estamos no mundo e temos que nos adaptar a ele. Veja só, um dos preceitos da minha crença, da minha fé e da minha identidade, é a honra nos meus ancestrais. Enquanto pagão, eu não acredito na figura de Cristo, mas assim, será que eu vou estar honrando meus ancestrais, no dia 25 de dezembro ao ser convidado num churrasco de família e eu for lá, eu omitir e falar que aquilo está errado, porque não existiu Jesus historicamente e porque não tem com ele nascer dia 25 de dezembro? Não. Como eu honro meus ancestrais? O filtro, eu não estou celebrando o nascimento de Cristo, eu estou celebrando os meus ancestrais. Minha família está reunida. No fim das contas, pagão tem maturidade para essas coisas, se eu acredito que eu devo honrar meus ancestrais, eu não devo entrar em atrito com a minha mãe, que é cristã; e ela tem que me engolir, praticando bruxaria dentro de casa, mesmo que ela não concorde. Se você não quer ser subordinado a uma mãe, magicamente ela que paga a sua conta, ela é guardiã de todos os portais da casa, então vai trabalhar e paga todo mês as tuas contas. E aí, eu quero dizer, se você paga as contas, se você tem a sua própria casa, você

faz o que você quiser, mas se você está submetido às leis de sua mãe e de seu pai, de quem quer que seja, respeite.

A adaptação é uma palavra presente na vida de muitos pagãos. Para não entrar em conflito com a família por exemplo, é preciso estar incluso, ou aparentar estar inserido naquele meio, porém o sentido posto pelo pagão sobre alguma data religiosa ou comemorativa é diferente. No ambiente de trabalho, na hora de comemorar a páscoa, dia de finados, natal, alguns pagãos falam que participam normalmente destes momentos no local do exercício profissional, mas a sua concepção em relação a estas datas festivas varia de acordo com a sua crença e fé.

Um interlocutor chamado fala “da floresta”:

[...] eu acredito que a grande dificuldade é a falta de contato das pessoas, então, eu não digo nem preconceito, eu acredito que eu não sofri preconceito, mas a gente vive nessa realidade aqui de Macapá. Na casa eu não sofri isso, mas a questão é que, como as pessoas têm um pouco de contato, imaginam algo meio que fantasioso, sabe? Em você acreditar, em deusas nórdicas, que estão bastante inseridas na cultura pop, hoje em dia, que são bastante retratadas por quadrinhos, por bandas de metal, entendeu? E você até falar

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

assim que você é pagão asatru, e você não escutar folk metal, é estranho entendeu? Porque muita gente entra só por causa da cultura pop, e por entrar pela cultura pop elas acabam não levando a sério. É porque você nunca vê, as imagens de outras deidades dentro da cultura pop, porque a religião foi levada mais a sério; então como não é levado muito a sério, as pessoas continuam com a visão popular; e isso faz com que as pessoas não levam nossa religião muito a sério.

Nem todo pagão sofre intolerância religiosa, preconceito ou é estigmatizado. Não se pode afirmar que na hora de mostrarem a sua fé pública, isto é, declararem a sua religião pagã publicamente foram respeitados ou reconhecidos como religião (“levados a sério) ou dado a eles o devido crédito. O que se deve prestar atenção é na forma como a declaração de uma identidade pagã é recebida pelas pessoas; e se for levar isto em consideração, existe um tratamento tolerante aos pagãos (não se pode dizer que são todos, pois como já foi mostrado neste trabalho, há preconceito, estima e intolerância religiosa contra os pagãos) em algumas situações.

Considerações finais

A liberdade religiosa no Brasil assim como a liberdade de culto e de crença tem sido ampliada no campo jurídico, principalmente com a promulgação da Constituição Federal de 1988, no tocante ao seu artigo 5, e a criação de Secretarias, as quais recebem denúncias de intolerância. Não se sabe a quantidade de pessoas que sofrem intolerância religiosa no País por serem pagãs, pois não há dados em institutos de pesquisa, e isto dificulta análises mais profundas em relação ao tema em discussão, porém, tem-se visto pagãos expondo suas opiniões nas redes sociais acerca de experiências em que sofreram intolerância religiosa, além de preconceitos e discriminação na escola, no trabalho, na família e em locais públicos.

A afirmação de uma identidade pagã é o primeiro passo para acabar com a violência simbólica, física, psicológica e institucional, pois o indivíduo, ao autodeclara-se parte de alguma vertente pagã, transmite uma mensagem de pertencimento e aceitação; e quem ouve e visualiza um ritual

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

ou encontro pagã em um local público ou conhece alguém que pertença a uma das religiões pagãs começa a reconhecê-las como instituições ou grupo legítimo. Além disso, o conceito estereotipado de pagão presente no imaginário popular, ou seja, que “é do demônio”, “coisa satânica” (colocando esta palavra neste sentido pejorativo a pessoa que difunde esta ideia está inferiorizando e colocando o pagão em uma situação de exclusão) é retirado paulatinamente por meio do contato com praticantes de tais religiões; e consequentemente há a compreensão de uma nova visão dos princípios e regras regentes da cultura pagã.

Não basta apenas o avanço das leis brasileiras mediante um Estado Laico para resolver o problema da intolerância religiosa. É necessário aumentar o número de pesquisas sobre as religiões minoritárias no Brasil e saber, por meio de secretarias específicas, se há pagãos sofrendo com a intolerância e o que pode ser feito para resolver estes problemas. É preciso promover o respeito à diversidade por meio de políticas públicas, como a criação de cartilhas informando o conceito de paganismo, características e as diversas vertentes religiosas. Além disso, as escolas por meio dos professores de ensino religioso e projetos pedagógicos, devem

difundir a tolerância religiosa introduzindo no conteúdo programático as religiões pagãs, a fim de possibilitar uma ampla discussão desta temática entre os alunos.

Esta pesquisa constatou casos de intolerância religiosa sobre pagãos em diversos ambientes, mas também observou momentos de tolerância, respeito, aceitação e alteridade. Não há como criar hipóteses generalizantes e dizer, no fim deste texto, que todo pagão sofre intolerância. Sabe-se que suas práticas são ridicularizadas, “demonizadas” por uma parte da sociedade, que há momentos de violação de direitos, contextos em que pagãos foram constrangidos por olhares e comportamentos agressivos e irônicos, mas a solução de alguns pagãos para não sofrerem intolerância foi adaptarem-se, tentarem se inserir no meio de uma cultura na qual uma religião, a cristã, ainda influencia comportamentos de uma grande parte da população, pois faz parte do arcabouço moral da cultura brasileira. Estar inserido, mas não se sentir incluso. Respeitar a religião do outro, predominantemente a cristã, exercitando a alteridade e a resiliência para evitar o litígio parece que está sendo o melhor caminho de evitar a intolerância religiosa entre os pagãos.

REFERÊNCIAS

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000

CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannyel Teles de. Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões da Nova Era em Belém, Pará. **Estudos da Religião**, v. 28, n. 2, p. 115-137, jul-dez.2014.

DUBAR, Claude. “A Crise das Identidades”, in _____. **A Crise das Identidades**: a Interpretação de uma Mutação. Trad. Carina Matos. Santa Maria Da Fieira: Rainha & Neves Ltda., 2006.

GUERREIRO, Silas; LOPES, Marina Silveira. Druidismo à Brasileira. Um exemplo de ecorreligiosidade na sociedade atual. **Caminhos**, Goiânia, v. 8, n. 2. p. 11-24, jul/dez. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.102p

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido – a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGGINBOTHAM, Joyce e River. **Paganismo**: Uma introdução da Religião Centrada na Terra. Tradução de Ana Carolina Trevisan Camilo. São Paulo: Editora Madras. 2003.

HOLZER, Hans. **Os novos pagãos**. Tradução de Marli da Silveira Pereira. Rio de Janeiro-São Paulo: Distribuidora Record, 1972.

LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. **As controvérsias entre cristianismo e paganismo a partir das crônicas da destruição do Serapeum de Alexandria (391 d. C.) nas obras de Rufino de Aquileia, Sócrates de Constantinopla, Teodoreto de Ciro e Sozomeno**. Monografia apresentada no curso de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. Ouvindo uma Terra que fala: o renascimento do Paganismo e a Ecologia. **Revista Nures**, n. 11, jan.-abr. 2009.

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,

MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

Paganismo **piaga.** Disponível em:
<(http://paganismopiaga.blogspot.com.br/p/o-que-e-paganismo-piaga.html>. Acesso em: 07 nov. 2016.
Edições, 2006. Disponível em:
<http://200.187.16.144:8080/jspui/bitstream/bv2julho/906/3/O%20candombl%C3%A9%20da%20Barroquinha_RM_ANO%202,%20N%C2%BA%204.%20ABR.pdf> Acesso em
novembro de 2015.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 1981.

NOTAS

ⁱ Esta crise de identidade, segundo Dubar está no seio da identidade pessoal. As crises tornam-se identitárias “porque perturbam a imagem de si, a estima de si, a própria definição que a pessoa dava de si a si próprio”. Esta crise rompe com a forma fixa que construí a identidade, a estatutária, e passa para um novo modelo. Segundo o autor, “toda a mudança é geradora de pequenas crises: é necessário um trabalho sobre si, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender outra vez, às vezes recomençar do zero”. (DUBAR, 2006, p. 143).

ⁱⁱ É uma apropriação subjetiva da identidade cultural ou estatutária atribuída (e por vezes herdada) que ganha a forma duma pertença... é complementar dum projeto de vida que não coincide com a pertença atual (cultural e estatutária). Ela implica a construção de uma forma narrativa

que serve de suporte à apresentação subjetiva de si (DUBAR, 2006, p. 149-150).

ⁱⁱⁱ É “uma tradição politeísta e pagã, nascida no estado do Piauí. É um sistema religioso baseado nos princípios filosóficos, religiosos e culturais do paganismo, podendo ser definido como um culto da terra. No Paganismo Piaga os adeptos são denominados ‘Piagas’, ‘Pagãos Piagas’ ou simplesmente ‘Pagãos’. O termo Piaga deriva do idioma Tupi (pagê, paíê, piaga) e é utilizado como sinônimo das palavras curandeiro, feiticeiro, sacerdote, líder espiritual, propagador de fé. Segundo historiadores como Ludwig Schwennhagen, o termo Piauí significa, literalmente, Terra de Piagas. Os Piagas teriam sido o povo de culto solar que habitou a região norte/nordeste brasileira no período pre-cabralino. O termo ‘*Cultus*’ originou palavras como ‘cultura’ e ‘cultivação’ que significa ‘cuidar’, ‘nutrir’. Ou seja, o culto piaga é o cuidado e o carinho para com os Deuses. No caso do termo ‘piaga’, é uma especificação que revela a ligação do culto com o próprio Piauí, com as divindades nativas da terra em harmonia com as divindades ‘estrangeiras’. O termo ‘Piaga’ é interpretado como ‘propagador de religião’, ‘sacerdote curador’, ‘Pajé ou Xamã’. Nessa espiritualidade existem posturas culturais específicas difundidas entre os adeptos, mas não há um ‘livro sagrado’ ou uma forma única de vivenciar a espiritualidade piaga. É um sistema religioso que abraça diversas práticas e tradições [...]”. Disponível em:
<http://paganismopiaga.blogspot.com.br/p/o-que-e-paganismo-piaga.html>. Acesso em: 07 nov. 2016.

^{iv} Tucuju significa, grosso modo, uma etnia indígena que habitava a margem esquerda da foz do rio Amazonas, onde atualmente localiza-se a cidade de Macapá, capital do estado do Amapá.

^v Esta conclusão a que se chegou foi fortemente influenciada pelo conceito de magia trabalhado por Leila Amaral (2000).

^{vi} É um padrão romano sofisticado de falar (HOLZER, 1972).

“VOCÊ É DO DIABO”: AÇÕES INTOLERANTES SOBRE PAGÃOS EM MACAPÁ,
MARCOS VINÍCIUS DE FREITAS REIS & ANDERSON IGOR LEAL COSTA

vii Coloca-se a palavra “deus” com “d” minúsculo como provocação. Nenhum deus de qualquer religião, de qualquer civilização é maior do que o outro.

Recebido em: 01/07/2017.
Aprovado em: 19/08/2017.
Publicado em: 28/08/2017.